



## **DINÂMICA TERRITORIAL DO CAPITAL E DO TRABALHO NA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA DO MUNICÍPIO DE CAPINÓPOLIS (MG)**

### **TERRITORIAL DYNAMICS OF CAPITAL AND LABOR IN THE SUGARCANE AGROINDUSTRY OF THE MUNICIPALITY OF CAPINÓPOLIS (MG)**

### **DINÁMICA TERRITORIAL DEL CAPITAL Y DEL TRABAJO EN LA AGROINDUSTRIA DE LA CAÑA DE AZÚCAR DEL MUNICIPIO DE CAPINÓPOLIS (MG)**

**Luiz Carlos Santos da Silva**

Mestre em Geografia - Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

E-mail: luizgeo28@gmail.com

**Estevane de Paula Pontes Mendes**

Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás

E-mail: estevaneufg@gmail.com

#### **RESUMO:**

O presente artigo é parte dos resultados da Dissertação de Mestrado e tem como objetivo compreender as transformações socioespaciais no município de Capinópolis (MG) decorrentes da territorialização da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba. Nesse intuito, queremos entender os efeitos sociais na vida dos trabalhadores que migram da região Nordeste do país para o município de Capinópolis (MG) para a atividade do corte de cana. A metodologia baseou-se na revisão teórica dos autores que discutem a temática da cana-de-açúcar e a migração, além da pesquisa documental através de sites do IBGE, SIAMIG, Prefeitura de Capinópolis (MG) e a pesquisa de campo que nos deu a dimensão do problema aqui levantado. Em seguida foram feitas tabulações dos dados da pesquisa e transformados em gráficos, tabelas e figuras. Percebemos que dezenas de trabalhadores perderam seus empregos e foram obrigados a desempenharem outras atividades para poderem sobreviver.

**Palavras-chave:** Capinópolis (MG); agroindústria canavieira; migração; crise.

---

#### **ABSTRACT:**

This article is part of the dissertation results and aims to understand the transformations socioespaciais in the municipality of Capinópolis (MG) due to the territorialisation of the sugarcane agroindustry Vale do Paranaíba. In this order, we want to understand the social effects on the lives of workers who migrate in the Northeast region of the country to the municipality of Capinópolis (MG) to the activity of cane cutting. The methodology was based on theoretical review of the authors that discuss the subject of sugarcane and migration, in addition to the documentary search through websites of IBGE, SIAMIG, Capinópolis (MG) and field research that gave us the scale of the issue here raised. Then tabs were made of the research data and turned into charts, tables and figures. We realize that dozens of workers have lost their jobs and were forced to carry out other activities in order to survive.

**Keywords:** Capinópolis (MG); sugarcane agroindustry; migration. crisis.

---

#### **RESUMEN:**

El artículo es parte de los resultados del trabajo de Maestría y tiene como objetivo comprender las transformaciones socioespaciales en el municipio de Capinópolis (MG) resultantes de la territorialización de la agroindustria de la caña de azúcar en el Vale do Paranaíba. Se ha querido entender los efectos sociales de la vida de los trabajadores que migran de la región Nordeste del país para el municipio de Capinópolis (MG) para la actividad de corte de caña. La metodología se ha basado en la revisión teórica de los autores que discuten la temática de la caña de azúcar y la migración, además de la investigación documental a través de sites del IBGE, SIAMIG, Ayuntamiento de Capinópolis (MG) y el trabajo de campo que nos ha dado la dimensión del problema aquí levantado. A continuación se han hecho sistematizaciones de los datos. Se ha percibido que decenas de trabajadores han perdido sus empleos y han sido obligados a desempeñar otras actividades para poder supervivir.

**Palabras-clave:** Capinópolis (MG); agroindustria de la caña de azúcar; migración; crisis.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado “Dinâmica do capital e do trabalho na agroindústria canavieira do município de Capinópolis (MG)”, visa entender o processo de expansão da agroindústria canavieira no município de Capinópolis (MG) e os desdobramentos sociais envolvendo os trabalhadores do corte de cana territorializados nesse município.

A crise econômica no setor canavieiro vem afetando os trabalhadores em razão do fechamento de várias unidades espalhadas pelo território brasileiro. No município de Capinópolis (MG), esse problema tem afetado centenas de trabalhadores que sobreviviam do trabalho no corte de cana na agroindústria canavieira Vale do Paranaíba e hoje sofrem com desemprego e a consequente falta de alimentos e de condições básicas de sobrevivência.

A escolha do município de Capinópolis (MG), que integra a Microrregião Geográfica de Ituiutaba (MG), se deve ao fato de que a agroindústria canavieira Vale do Paranaíba, pertencente ao grupo João Lyra, instalada no município em 2003, mantém o corte manual da cana-de-açúcar, o que provoca a migração de centenas de trabalhadores oriundos da Região Nordeste para o trabalho nos canaviais, em condições precárias de trabalho, de moradia, de alimentação e de transporte, além dos atrasos no pagamento dos salários.

A metodologia da pesquisa baseou-se na pesquisa teórica onde nos ocupamos em reunir, ler e fichar as bibliografias que tratam do tema e que servirão de base teórica na sustentação das ideias desenvolvidas ao longo deste trabalho. Na pesquisa documental, foram feitos levantamento de dados de fonte secundária junto às publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censos Agropecuários, Produção Agrícola Municipal), as informações extraídas dessas publicações são relacionadas à produção de cana ao longo da década de 1990 até o ano de 2014, além de pesquisas através da Internet nos sites do IBGE, União da Indústria de Cana-de-açúcar (ÚNICA), Sindicato da Indústria de Fabricação do Álcool no Estado de Minas Gerais (SIAMIG), Pastoral da Terra, Pastoral do Migrante, Ministério da Agricultura, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), além de outros sites que serviram de fonte de informações para a pesquisa. A pesquisa de campo foi o instrumento necessário e indispensável para realização de investigações de quaisquer naturezas e, ao se tratar da pesquisa de campo geográfica, a sua importância é ampliada, pois é neste momento que o pesquisador entra em contato direto com a realidade a ser estudada, interagindo com seus sujeitos/objetos, obtendo as condições para entender como os entrevistados se percebem, estabelecendo uma análise coerente, ao diferenciar a sua percepção sobre os

entrevistados, respeitando principalmente como estes se percebem, inseridos em suas próprias dinâmicas de vida e trabalho.

Dessa forma, o artigo está estruturado em dois momentos: o primeiro, busca compreender o processo de implantação da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba no município de Capinópolis (MG) e o discurso do progresso. O segundo, visa entender a crise econômica do Grupo João Lyra e os rebatimentos na vida dos trabalhadores.

## 2 IMPLANTAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA VALE DO PARANAÍBA E O DISCURSO DO PROGRESSO

No final da década de 1980 e início da década de 1990 iniciou-se o processo de expansão dos grupos canavieiros nordestinos em direção ao Centro-Sul do país para implantação de novas unidades agroindustriais canavieiras, especialmente no Triângulo Mineiro. Na corrida por novos territórios para a implantação de novas unidades produtoras de cana-de-açúcar, destacam-se os grupos alagoanos João Lyra, Carlos Lyra e Tércio Wanderley. Oliveira (2009) afirma que o processo de expansão do capital agroindustrial canavieiro é resultado da dinâmica da escala nacional e planetária em busca de acumulação de capital:

Diríamos ainda que esta nova dinâmica apresentada pelo capital agroindustrial canavieiro decorre, como destacamos anteriormente, do movimento geral do capital em escala nacional e planetária, que busca por meio da racionalização da produção e do processo de trabalho novos patamares de acumulação. Nesse contexto, o processo de reestruturação produtiva e a adoção de padrões flexíveis de acumulação (a exemplo do modelo toyotista) constituem o caminho para a consolidação de sua condição enquanto “sujeito” sócio-histórico. (OLIVEIRA, 2009, p. 114, grifos da autora).

Ainda segundo Oliveira (2009), vários grupos alagoanos implantaram agroindústrias canavieiras no Centro-Sul, mas o Grupo João Lyra foi o primeiro grupo alagoano a adquirir uma agroindústria canavieira em Minas Gerais, expandindo sua área de atuação.

O primeiro grupo alagoano a chegar a Minas Gerais foi o **João Lyra**, ainda nos anos 1980. Dono de três unidades em Alagoas (Laginha, Uruba e Guaxuma) o grupo comprou naquela época a unidade Triálcool, em Canápolis/MG, a qual foi ampliada, passando a moer atualmente em média 1,3 milhões de toneladas de cana. Em 2003, o grupo inaugurou uma segunda unidade em Minas Gerais, a Vale do Paranaíba. Naquele ano (safra 2003/2004) por estar em fase de teste moeu apenas 300 mil toneladas de cana, porém possui capacidade para moer 2 milhões a 2,5 milhões de toneladas. (OLIVEIRA, 2009, p. 117, grifos da autora).



A agroindústria canavieira Laginha Agroindustrial S/A - unidade Vale do Paranaíba (Figura 1), situada no município de Capinópolis (MG), no Triângulo Mineiro, foi incorporada ao Grupo João Lyra em 2003. Além da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba, o Grupo possui mais quatro agroindústrias canavieiras, duas no estado de Minas Gerais e três no estado de Alagoas.

**Figura 1:** Município de Capinópolis (MG): agroindústria Laginha S/A - Unidade Vale do Paranaíba (2016)



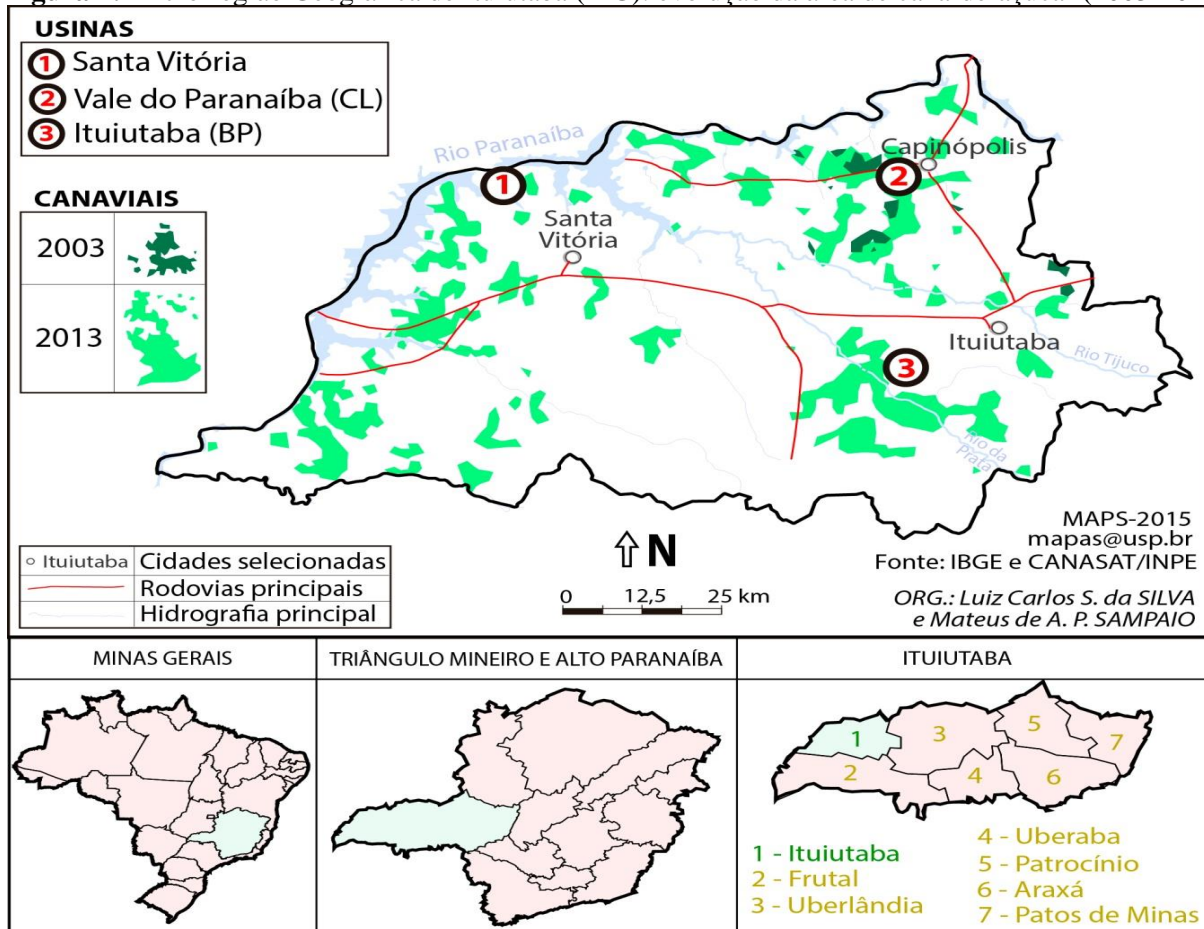
**Crédito fotográfico:** Silva, L. C. S. (2016)

De acordo com o Grupo João Lyra<sup>1</sup>, essa unidade agroindustrial foi montada com tecnologia inovadora, executando desde o plantio até o aproveitamento e a transformação da matéria-prima com a utilização de difusores. A unidade possui capacidade de 2,5 milhões de sacas anuais de cana-de-açúcar, além de produzir 110.000m<sup>3</sup> de álcool. A produção de 2007/2008 ficou em torno de 1,6 milhões de sacas de cana e 89.000m<sup>3</sup> de álcool.

A escassez de terras em Alagoas e a busca pela expansão de seus negócios levaram o Grupo João Lyra a adquirir a agroindústria canavieira Triálcool, no município de Canápolis (MG), em 1988, e a Vale do Paranaíba, no município de Capinópolis (MG), em 2003.

A figura 2 mostra a evolução das áreas destinadas ao cultivo da cana-de-açúcar na Microrregião Geográfica de Ituiutaba, com destaque para o município de Capinópolis (MG), no período compreendido entre 2003 e 2013.

<sup>1</sup>Grupo João Lyra. **USINAS**. Disponível em: <<http://www.grupojl.com.br>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

**Figura 2:** Microrregião Geográfica de Ituiutaba (MG): evolução da área de cana-de-açúcar (2003-2013)

**Fonte:** IBGE e CANA SAT/INPE (2015)

**Organização:** Silva, L. C. S. (2015)

**Elaboração:** Sampaio, M. A. P. (2015)

A expansão da área plantada de cana-de-açúcar no município de Capinópolis (MG), apresentada na Figura 2, evidencia uma investida do capital agroindustrial canavieiro nessa região (re)ordenando o espaço urbano e rural pelas disputas territoriais com outras culturas existentes, como a soja e o milho.

O município de Capinópolis (MG) sempre foi dominado pelas culturas da soja e do milho, e a cana-de-açúcar surge como uma cultura mais lucrativa e começa a ganhar espaço porque se apresentou como mais lucrativa para os arrendatários do município. Dessa forma, a cana foi se expandindo para além dos limites do município.

Thomaz Júnior (2010) afirma que “em relação às tantas outras formas de expressão do capital, no que tange à dinâmica, às estratégias reprodutivas, de controle do trabalho, e à aposta da sua constante precarização/fragilização, há semelhanças”. O referido autor ainda defende que,

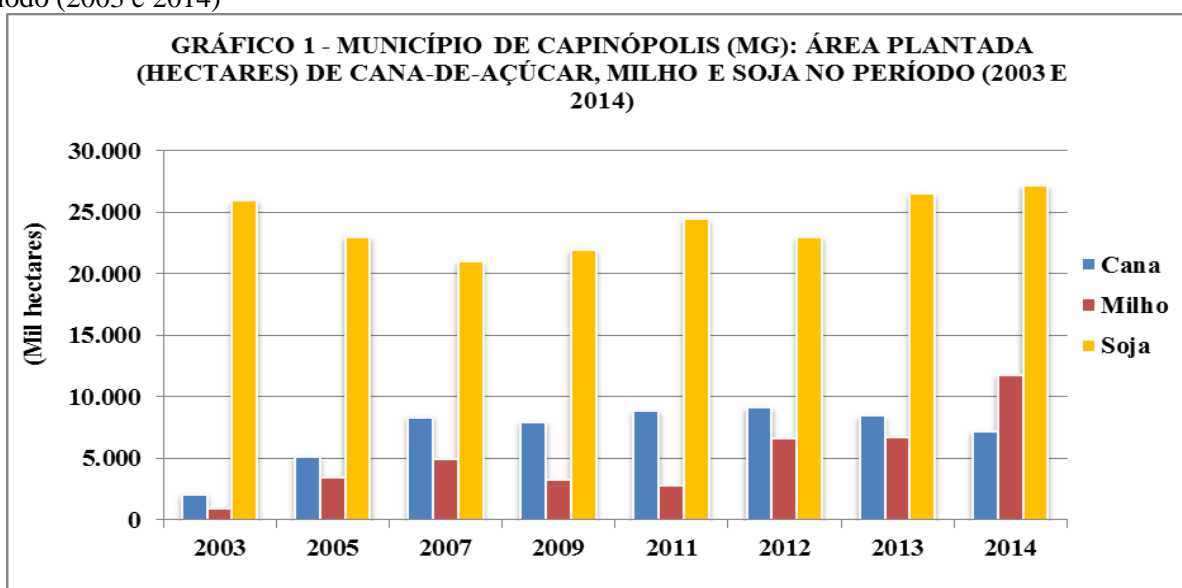
é no interior dos conflitos (territoriais) que temos o fio condutor das ações dos sujeitos envolvidos nesse cenário. Então, as ações que antepõem trabalhadores x



capital, as fissuras intercapital reveladas pela necessidade de terras planas, férteis e com disponibilidade hídrica - portanto aptas à mecanização -, e entre os próprios trabalhadores, são, por excelência, os exemplos das disputas por território que revelam o conteúdo e os significados do processo expansionista do agronegócio em geral. (THOMAZ JÚNIOR, 2010, p. 5).

No Gráfico 1 é possível analisar, a partir de 2003, como a produção de cana-de-açúcar foi aumentando em relação às culturas de soja e milho na região, apesar das especificidades do segmento agroindustrial canavieiro.

**Gráfico 1:** Município de Capinópolis (MG): área plantada (hectares) de cana-de-açúcar, milho e soja no período (2003 e 2014)



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2016)

Organização: Silva, L. C. S. (2015)

O Gráfico 1 mostra que a área plantada de soja sempre esteve a frente da área de plantada de cana-de-açúcar, mostrando que, mesmo com o avanço da cana sobre esse município, a soja e o milho sempre foram cultivadas na maior parte das terras agricultáveis do município de Capinópolis.

É possível também analisar que a área destinada à produção de milho sempre esteve abaixo da área de produção de cana-de-açúcar no período mencionado, superando-a somente em 2014. Segundo Oliveira (2009), [...] “a área plantada com cana-de-açúcar da Vale do Paranaíba compreende cerca de 21.000 mil hectares, dos quais 20% eram própria, 70% arrendada e 10% de fornecedores”. Ou seja, a área plantada de cana-de-açúcar não respeitava a fronteira do município, pois necessitava de mais terras para sua expansão avançando sobre os municípios vizinhos como Canápolis, Ipiacú e Ituiutaba. Na opinião de Castro (1984),

[...] a exploração da cana-de-açúcar se processa num regime de autofagia: a cana devorando tudo em torno de si, engolindo terras e mais terras, consumindo o humo do solo, aniquilando as pequenas culturas indefesas e o próprio capital humano, do qual sua cultura tira toda a vida. (CASTRO, 1984, p. 116).

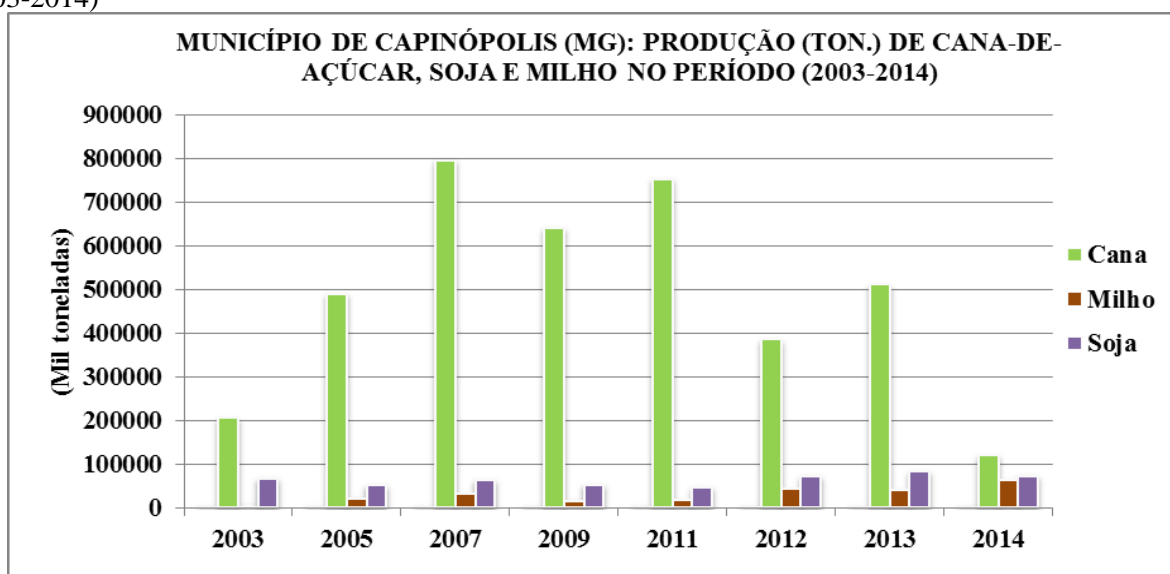
Em sua investida, o capital agroindustrial canavieiro age de forma selvagem consumindo terra e capital humano, expulsando os agricultores camponeses de suas terras e (re)definindo os territórios para, desta forma, criar as condições de perpetuação do seu domínio sobre o espaço, sobre a água e toda riqueza ali existente.

Carvalho (2009) tece críticas ao modelo de expansão da cana-de-açúcar no Brasil afirmando que esse modelo impõe uma ruptura das formas de vida tradicionalmente construídas pelos agricultores camponeses, os verdadeiros donos da terra.

Os resultados desse processo, além das mudanças nas relações de trabalho, residiram, principalmente, na degradação e perdas das terras de pequenos agricultores, visto que os objetivos eram direcionados para a ampliação da matéria-prima em extensas áreas plantadas, sendo esses pequenos agricultores postos a margem do processo. Além do crescimento das matérias primas, outro ponto importante reside no direcionamento para o aumento da escala de produção, objetivando ampliar o capital, influenciando diretamente na concentração fundiária e na especulação de terras. (CARVALHO, 2009, p. 90).

Quando comparamos a produção, em toneladas, das culturas de cana-de-açúcar, soja e milho, constatamos a superioridade da cana-de-açúcar sobre a soja e o milho conforme podemos verificar no Gráfico 2.

**Gráfico 2:** Município de Capinópolis (MG): produção (ton.) de cana-de-açúcar, soja e milho no período (2003-2014)



Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2015) Organização: Silva, L.C.S. (2016).

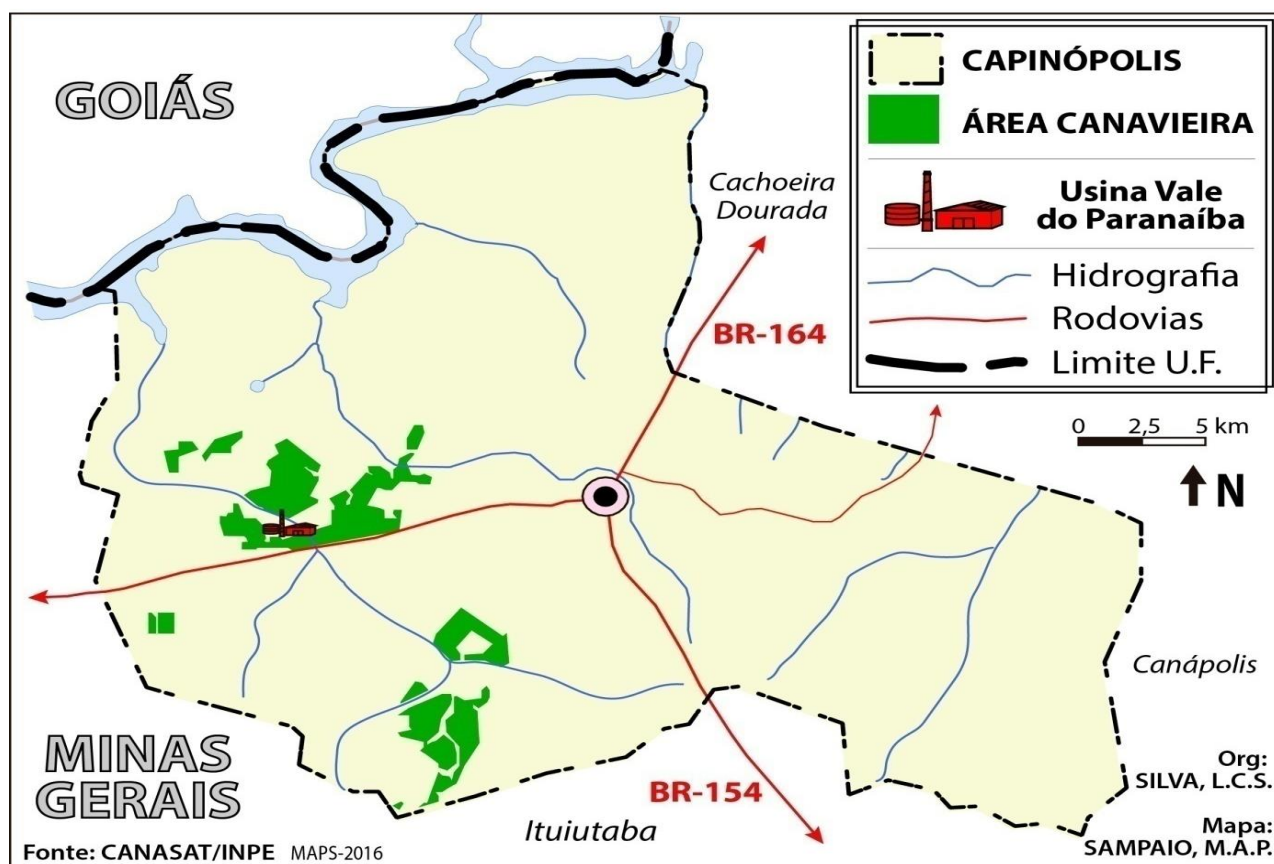


Nota-se que a produção de cana-de-açúcar vem (re)ordenando o território em Capinópolis (MG), para atender as demandas por etanol e açúcar do mercado nacional e internacional.

Ainda no Gráfico 2, é possível analisar uma queda elevada da produção de cana-de-açúcar no município de Capinópolis (MG), entre 2012 e 2014. Essa queda da produção de cana-de-açúcar é resultado da crise econômica mundial iniciada em 2008 com reflexos diretos no setor canavieiro do país. Essa crise, aliada a má gestão, resultou na falência do Grupo João Lyra e o fechamento de todas as suas agroindústrias canavieiras no estado de Alagoas e no estado de Minas Gerais, especialmente a agroindústria canavieira Vale do Paranaíba, instalada em Capinópolis (MG), objeto da nossa pesquisa.

A partir da leitura da Figura 3 é possível analisar o que sobrou da área plantada de cana-de-açúcar dois anos após a falência da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba reforçando a queda da produção de cana apontado, anteriormente, no Gráfico 2.

**Figura 3:** Município de Capinópolis: área plantada de cana-de-açúcar da Agroindústria Canavieira Vale do Paranaíba (2016)



Fonte: CANASAT/INPE MAPS – 2016

Organização: Silva, L. C. S, (2016); Sampaio, M. A. P, (2016)



A expansão da cana-de-açúcar sobre as áreas onde havia o domínio da plantação de milho, soja e sorgo, começa um processo de decadência em função da crise econômica enfrentada pelo grupo João Lyra e que afetou diretamente a agroindústria canavieira Vale do Paranaíba, com reflexos na vida dos trabalhadores envolvidos nessa atividade conforme discutiremos na próxima seção.

### **3 FECHAMENTO DA AGROINDÚSTRIA VALE DO PARANAÍBA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO TRABALHO**

A crise econômica mundial iniciada em 2008 trouxe sérios efeitos nas economias nacionais, especialmente nos países emergentes que tem na produção agrícola, a base de sua economia. Nesse contexto, o Brasil está inserido como modelo de economia por seu potencial na produção agrícola, principalmente soja, milho e cana-de-açúcar para a produção de etanol e açúcar. Esse último tem sido o mais afetado com a crise mundial iniciada em 2008, pois a maior parte da produção de açúcar e etanol era destinada para exportação.

Com a crise mundial, diminuiu a demanda pelo etanol e pelo açúcar, o que desencadeou um processo de falência de dezenas de agroindústrias canavieiras, principalmente aquelas que já apresentavam alguma dificuldade financeira ou que estavam em recuperação judicial<sup>2</sup>, como foi o caso do grupo João Lyra que recorreu à Justiça com um pedido de recuperação judicial em novembro de 2008. Iniciava-se o processo de falência de um dos maiores grupos canavieiros do Nordeste do país.

Segundo o jornal eletrônico Correio de Uberlândia<sup>3</sup> (2014), o Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ-AL) decretou a falência do Grupo João Lyra, formado por cinco usinas de beneficiamento de cana-de-açúcar naquele estado e em Minas Gerais. Ainda cabe recurso no processo. O grupo é de propriedade do deputado João Lyra (PSD-AL).

As duas usinas estão situadas nos municípios mineiros de Capinópolis e Canápolis. Ambas estão paradas atualmente por causa da entressafra. Mas de acordo com as lideranças sindicalistas nas localidades, a decisão, pelo menos por enquanto, não muda a situação vivida por trabalhadores,

2 Há possibilidade de reestruturação das empresas economicamente viáveis que passem por dificuldades momentâneas, mantendo os empregos e os pagamentos aos credores. Um dos grandes méritos apontados nessa legislação falimentar é a prioridade dada à manutenção da empresa e dos seus recursos produtivos. Ao acabar com a concordata e criar as figuras da recuperação judicial e extrajudicial, a nova lei aumenta a abrangência e a flexibilidade nos processos de recuperação de empresas, mediante o desenho de alternativas para o enfrentamento das dificuldades econômicas e financeiras da empresa devedora. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/297012/recuperacao-judicial>. Acesso em: maio 2016.

3 Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/tj-al-decreta-falencia-do-grupo-joao-lyra-que-tem-2-usinas-no-triangulo/>. Acesso em: junho 2016.



ainda que muitos ainda cobrem salários atrasados das empresas. Os sindicatos não informaram quantas pessoas estão sem receber.

O município de Capinópolis (MG), onde está instalada a agroindústrias canavieira Vale do Paranaíba, vem passando por sérias dificuldades financeiras. Segundo a Prefeita desse município, Dinair Isaac “centenas de trabalhadores perderam seus empregos e não receberam seus salários colocando suas famílias em estado de desespero porque não tem como sobreviver na cidade com a usina fechada” (Informação verbal, 2016).

A agroindústria canavieira Vale do Paranaíba está completamente abandonada (Figura 4), enquanto se trava uma batalha judicial com 276 ações na Justiça do Trabalho de Ituiutaba (MG). Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capinópolis (MG), a maioria dessas ações é trabalhista movidas pelo sindicato de forma coletiva e de forma individual para receberem seus direitos trabalhistas, como Rescisão Contratual, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o Seguro Desemprego.

**Figura 4:** Município de Capinópolis: abandono da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba (2016)



**Crédito fotográfico:** Silva, L.C.S, (2016).

Conforme o Jornal eletrônico Tudo em Dia<sup>4</sup>, “a Prefeita de Capinópolis, Dinair que já-se reuniu com o Ministério Público há alguns meses (2015), tem se mostrado preocupada com o que

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.tudoemdia.com/2014/08/dinair-isaac-recebe-dirigentes-da-massa-falida-grupo-joao-lyra>. Acesso em: maio de 2016.

vem ocorrendo, não só com os produtores rurais prejudicados, como também com os trabalhadores, e a influência negativa que a situação tem trazido para o comércio local, além dos fornecedores que tem muito dinheiro para receber”. A prefeita argumenta ainda que “[...] não é somente o valor econômico que as usinas representam para a região, mas o seu fechamento provocou o desemprego para centenas de famílias, que estão nos municípios da região”.

Na pesquisa de campo, realizada entre janeiro e fevereiro de 2016, visitamos vários bairros da cidade de Capinópolis (MG) à procura de trabalhadores da agroindústria canavieira Vale do Paranaíba para coletar dados que nos permitisse entender os desdobramentos sociais da falência dessa agroindústria na vida desses trabalhadores que ainda residem na cidade. Nas entrevistas realizadas com dez (10) trabalhadores foi possível perceber que os mesmos estão desempregados ou desempenhando outras atividades temporárias como a despendoador de milho<sup>5</sup> na Monsanto<sup>6</sup>. Na opinião de um dos entrevistados, que desenvolve a atividade de despendoador de milho na Monsanto, “esse tipo de trabalho é temporário com duração média de seis meses”. (Informação verbal, 2016).

Partindo dessa realidade vivida pelos trabalhadores, percebemos uma fragmentação do trabalho desencadeando uma (des)realização do trabalho em função da redefinição de profissões e qualificações exigida desses trabalhadores, bem com readaptações e se subjugando aos diferentes tipos de trabalho ainda mais precários. Thomaz Jr (2012, p. 12) avalia essa problemática defendendo a seguinte tese:

Quando nos ocupamos com (des)realização e as novas identidades do trabalho territorialmente expressas na plasticidade que se refaz continuamente, estamos preocupados com os desdobramentos para os trabalhadores da Constante redefinição de profissões, habilitações, inserções autônomas etc., estremada, em vários casos, com experiências de despossessão. Essa trajetória de fragmentações atinge em cheio o trabalho, e são essas evidências mais profundas do estranhamento que acrescentam desafios à compreensão do trabalho, na perspectiva de classe (THOMAZ JÚNIOR, 2012, p. 12).

Assim como no corte de cana-de-açúcar nas agroindústrias canavieiras, o trabalho como despendoador de milho exige muito esforço físico por parte do trabalhador que é pago por produção, conforme Figura 5.

<sup>5</sup> É o profissional que remove os pendões dos pés de milho antes de estarem prontos para polinizar a seda. O propósito do despendoamento é fazer a polinização cruzada, formando sementes de milho híbridas. Disponível em: [http://www.ehow.com.br/pendoes-milho-fatos\\_66766](http://www.ehow.com.br/pendoes-milho-fatos_66766). Acesso em: maio de 2016.

<sup>6</sup>A Companhia Monsanto é uma empresa multinacional de agricultura e biotecnologia. Sediada nos Estados Unidos, é a líder mundial na produção do herbicidaglifosato, vendido sob a marca *Roundup*. Também é, de longe, o produtor líder de sementes geneticamente modificadas (transgênicos), respondendo por 70% a 100% do *market share* para variadas culturas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monsanto\\_\(empresa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monsanto_(empresa)). Acesso em: maio de 2016.



**Figura 5:** Despendoadores de milho no Estado de Goiás (2015)



**Crédito fotográfico:** Agrolink.com.br – Acesso em maio de 2016

**Organização:** Silva, L. C. S. (2016)

Nessa perspectiva, o trabalhador se vê desprotegido e se submete a trabalhos extremamente precários, insalubres e mal remunerados e em condição análoga à escravidão.

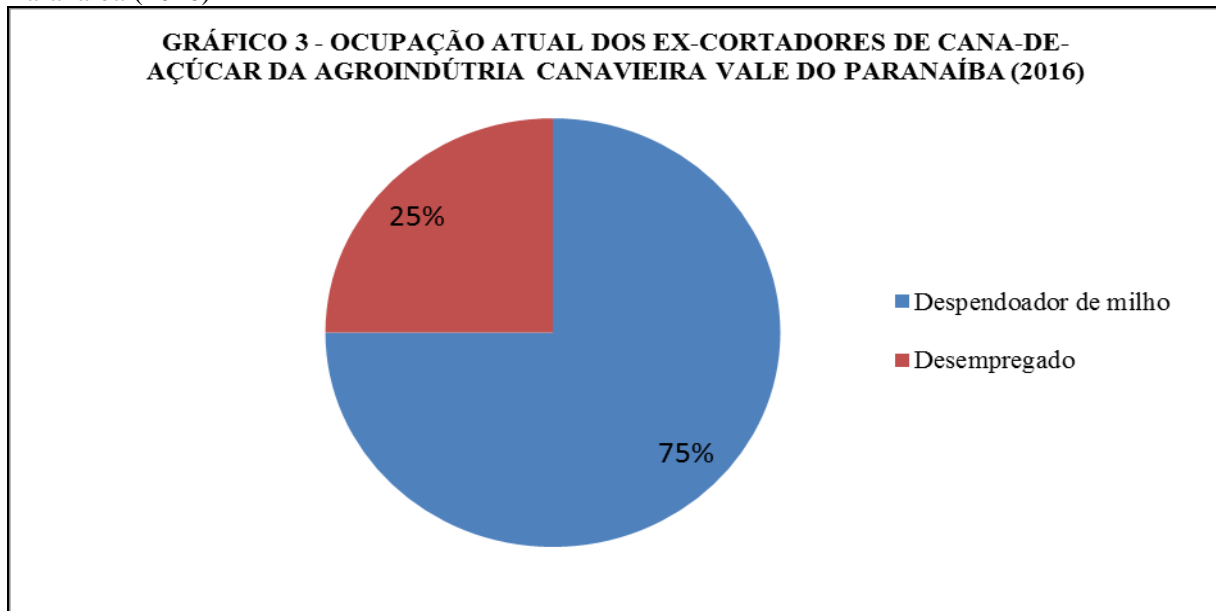
As promessas de altos ganhos nos canaviais se transformam em pesadelo para esses trabalhadores. É a classe social que vive do trabalho e que dele depende sua existência social. Antunes; Alves (2004), ao discutir a classe que vive do trabalho, afirma que,

Compreender, portanto, a classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e desprovidos dos meios de produção. Como todo trabalho produtivo é assalariado, mas nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora deve incorporar a totalidade dos (as) trabalhadores (as) assalariados (as). (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 9).

Antunes e Alves (2004) reforçam que a alienação/estranhamento é ainda mais intensa nos estratos precarizados da força humana de trabalho, que vivenciam as condições mais desprovidas de direitos e em condições de instabilidade cotidiana, dada pelo trabalho *part-time*, temporário e precarizado.

O Gráfico 3 mostra que 75% dos entrevistados estão desenvolvendo a atividade como despendedor de milho, enquanto 25% permanecem desempregados no período da pesquisa de campo.

**Gráfico 3:** Ocupação atual dos ex-cortadores de cana-de-açúcar da agroindústria canavieira vale do Paranaíba (2016)



**Fonte:** Pesquisa de campo (2016)

**Organização:** Silva, L. C. S. (2016)

O Gráfico 3 ilustra a realidade dramática em que estão vivendo os poucos trabalhadores migrantes que insistiram em permanecer na cidade de Capinópolis (MG), pois a única forma de sobrevivência para esses trabalhadores é o trabalho nos despendoamento de milho para poder sustentar sua família e poder sobreviver. Segundo Mendonça (2004):

Pensar geograficamente a relação metabólica entre o homem e a natureza e suas configurações sócio-territoriais significa perceber uma nova sociabilidade construída a partir da relação capital x trabalho. A reestruturação produtiva do capital processada nos últimos 20 anos do século XX, portadora de novas formas de produção e de trabalho resultou em alterações profundas no processo de acumulação e (re)produção de capitais e em uma verdadeira metamorfose nas relações de trabalho, com consequências danosas para os trabalhadores, bem como para os movimentos sindical e operário, e para a classe trabalhadora de forma geral. (MENDONÇA, 2004, p. 1).

Nessa lógica da relação metabólica entre capital e trabalho recaem sobre o trabalhador todas as consequências da crise do capital. O trabalhador, diante dessa realidade do capital em crise, é o que sofre com a perda do emprego e é obrigado a se lançar em outros tipos de trabalho ainda mais precários e desvalorizados no salário e nas condições de trabalho. Torna-se vítima do capital perverso que visa apenas o lucro a todo custo.

É necessário construir políticas públicas que consigam dar trabalho e dignidade aos trabalhadores que sofrem com o desemprego causado pelo fechamento dessas agroindústrias canavieiras.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialização da agroindústria Vale do Paranaíba no município de Capinópolis (MG) em 2003 trouxe mudanças na relação campo e cidade. Novas formas de produção do espaço rural e urbano se impuseram a partir do domínio do capital agroindustrial canavieiro liderado pelo grupo alagoano João Lyra.

A geração de emprego foi um fator de grande importância econômica e social para o pequeno município de Capinópolis (MG) que alimentou a esperança de que a cidade entraria em um novo círculo de desenvolvimento social e econômico patrocinados pela expansão da agroindústria canavieira na região. Com isso, centenas de trabalhadores migraram para o município em busca de trabalho ofertado pela agroindústria canavieira Vale do Paranaíba.

Além da geração de empregos para a população da cidade, houve o aumento da arrecadação de impostos a partir da instalação da agroindústria canavieira. Havia uma euforia muito grande na cidade, pois, até então desconhecida no cenário regional e nacional, desponta como um dos municípios produtores de cana-de-açúcar da região entre 2003 e 2011.

A agroindústria canavieira que, até então, era motivo de orgulho para os políticos e para a população capinopolense, começa a ser questionada a partir do momento que se percebeu os seus efeitos negativos. Dentre esses efeitos negativos, estão as queimadas no período de safra ocasionando problemas respiratórios em função da fuligem gerada a partir da queima da cana para a colheita.

A relação capital x trabalho se tencionou ainda mais quando o Grupo João Lyra entra em processo de falência em 2014, resultado da crise econômica mundial iniciada nos Estados Unidos, em 2008, combinadas com problemas na gestão do grupo, que teve reflexos negativos para o município e para a população que dependiam dos empregos gerados pela agroindústria canavieira Vale do Paranaíba.

A falência do grupo João Lyra teve desdobramentos negativos, principalmente na vida dos trabalhadores migrantes resultando na perda de seus empregos, forçando-os a migrar novamente para outras regiões canavieiras em busca de trabalho para sua sobrevivência e de suas famílias.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, G. A. P.; ANTUNES, Ricardo. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.



CARVALHO, H. M. **Impactos econômicos, sociais e ambientais devido à expansão da oferta do etanol no Brasil.2007.** Disponível em:<[www.landaction.org/spip/spip.php? article190](http://www.landaction.org/spip/spip.php?article190)>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CASTRO, J. **Geografia da Fome.** O dilema brasileiro: Pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. 348 p.

CONCEIÇÃO, A. L. Estado, capital e a farsa da expansão do agronegócio. **Meridiano - Revista de Geografia**, v. 01, p. 81-104, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal: 1990-2001.** Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?>>. Acesso em: 22 de abr. de 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal: 2001-2013.** Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?>>. Acesso em: 22 de abr. 2015.

MENDONÇA, M. L.; PITTA T., F.; XAVIER, V. C. **A agroindústria canvieira e a crise econômica mundial.** São Paulo: Outras Expressões, 2012. v. 1.

OLIVEIRA, A. M. S. **Reordenamento territorial e produtivo do agronegócio canvieiro no Brasil e os desdobramentos para o trabalho.** 2009. 586 f. Tese (Doutorado em Geografia). FCT – UNESP, 2009, Presidente Prudente, 2009.

THOMAZ JR, A. **Por trás dos canaviais os nós da cana:** a relação capital-trabalho e o movimento sindical. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002. 388 p.

\_\_\_\_\_. Por uma geografia do trabalho. **Pegada** (UNESP. Impresso), Presidente Prudente, v. Especial, n. Especial, p. 4-26, 2002.

\_\_\_\_\_. Gestão e ordenamento territorial da relação capital-trabalho na agroindústria canvieira Brasil. **Revista Pegada Eletrônica** (Online), v. 11, p. 3-33, 2010.

\_\_\_\_\_. Movimento sindical e práxis política na agroindústria Sucro-Alcooleira. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 5, n. 5, p. 1-10, 1997.

\_\_\_\_\_. Os desafios para o movimento sindical, no cenário de (re)definições do capital e reformas jurídico-institucionais causas das mudanças climáticas na terra. **Ciência Geográfica**, v. 3, n. 7, p. 10-14, 1997.

Recebido em 20 de novembro de 2016

Aprovado em 17 de abril de 2017

